

Consoantes laterais duplas em início de palavra no português arcaico: análise do clítico *lle/lhe*

Debora Aparecida dos Reis Justo Barreto¹
Gladis Massini-Cagliari²

Resumo

A finalidade deste artigo é analisar os fenômenos fonológicos do português da época arcaica, investigando, especificamente, as consoantes líquidas laterais presentes em 250 poesias medievais galego-portuguesas. Nosso objetivo é o de apurar se, naquela fase histórica da língua, a lateral dupla, representada na grafia como *ll* ou *lh*, poderia ou não ser interpretada como uma consoante geminada, no nível fonológico, quando se situa em começo de palavra, isto é, quando corresponde à consoante inicial dos pronomes clíticos *lle/lhe*. Nossa metodologia de análise se fundamenta na observação da possibilidade de variação na escrita, a fim de estabelecer as relações existentes entre letras e sons, e no estudo do comportamento fonológico de *ll* e *lh* dentro da sílaba e da palavra. Os casos mostraram que, apesar de os clíticos *lle/lhe* poderem se adjungir ao final de palavras, por ocorrerem também em início absoluto (começo de palavra e de enunciado), a lateral dobrada na escrita do português dos trovadores não pode ser considerada uma geminada fonológica.

Palavras-chave:

Português arcaico. Consoantes laterais. Geminção.

Sobre os autores:

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara (São Paulo, Brasil). Discente de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Bolsista FAPESP (Processo: 2018/24793-3). **E-mail:** debi_barreto@hotmail.com

² Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara (São Paulo, Brasil). Professora Titular da mesma Instituição. Bolsista CNPq (Processo: 302648/2019-4). **E-mail:** gladis.massini-cagliari@unesp.br

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar os fenômenos fonológicos do português da época arcaica, investigando, especificamente, as consoantes líquidas laterais presentes em 250 poesias medievais galego-portuguesas. Em estudos anteriores, averiguou-se que a consoante lateral duplicada, no contexto intervocálico da palavra, pode ser considerada como sendo geminada, na perspectiva fonológica (WETZELS, 2000, para o Português Brasileiro; SOMENZARI, 2006; MASSINI-CAGLIARI, 2015; BARRETO, 2019, para o Português Arcaico). Como complemento aos estudos realizados anteriormente¹, este artigo visa analisar fonologicamente o elemento lateral duplo, grafado como <ll> e <lh>, na posição inicial da palavra durante a fase medieval do português. Quando aparece na referida posição do termo, esse elemento apenas ocorre no começo do clítico *lle/lhe*, por isso o foco desta análise recai apenas sobre esse clítico. Nosso objetivo principal, logo, é o de verificar a possibilidade de geminação da consoante lateral dobrada nesse contexto da palavra, tendo em vista os resultados favoráveis obtidos para o ambiente intervocálico. Estando o elemento líquido lateral duplo no começo do clítico *lle/lhe*, que pode se adjungir encliticamente a verbos ou palavras de outras categorias gramaticais, é necessário investigar se em todos os ambientes seria possível considerar a geminação da lateral.

Para realizar o estudo, escolhemos adotar um *corpus* poético formado por 250 cantigas galego-portuguesas: as 100 primeiras *Cantigas de Santa Maria* (CSM), da linha religiosa; e 150 poesias profanas, 50 de cada gênero canônico.² Para selecionar as cantigas profanas, seguimos os critérios proferidos por Massini-Cagliari (2015, p.31) em seu trabalho, que consistem em:

- 1) representatividade, selecionando escritores de diferentes épocas;
- 2) local geográfico, posto que trovadores galegos, portugueses e castelhanos conviviam em um mesmo ambiente;
- 3) posição social, visto que havia poetas da alta sociedade, como os reis, os nobres e os clérigos, e da baixa, como os jograis.

A partir do recorte poético selecionado, este estudo objetiva empreender uma análise do *status* fonológico da líquida lateral dobrada que figura na sílaba

¹ Este trabalho faz parte de um conjunto de pesquisas que vêm sendo desenvolvidas desde 2019 e que visam empreender análises fonológicas voltadas ao sistema linguístico da época dos trovadores. Dentre os trabalhos realizados, podem-se citar: Barreto (2019), estudo acerca das róticas da língua dos trovadores; Barreto e Massini-Cagliari (2019), artigo dedicado à análise do apagamento das róticas finais; Barreto e Massini-Cagliari (2020) e Barreto e Massini-Cagliari (2023), estudos sobre os processos de rotacismo e lambdacismo no português; Barreto e Cangemi (2021), trabalho voltado ao estudo das consoantes róticas duplicadas em começo de palavra nas cantigas medievais; Barreto e Massini-Cagliari (2022), artigo referente às róticas duplas em contexto intervocálico; entre outras investigações.

² Os três gêneros canônicos das cantigas medievais são *cantigas de amor*, *cantigas de amigo* e *cantigas de escárnio e maldizer*.

inicial do clítico *lle/lhe* do português arcaico³ (PA), visando verificar a possibilidade de geminação da consoante no referido contexto da palavra. Barreto (2019) apurou a existência de geminação do elemento vibrante duplo do PA em posição intervocálica, atribuindo à rótica inicial <rr> o estatuto de consoante simples. Tendo em vista o fato de que os segmentos laterais e róticos pertencem à mesma categoria (ambos são consoantes líquidas) e que, por isso, possuem características em comum, este trabalho busca determinar se a líquida lateral dobrada em começo de palavra possui o mesmo comportamento constatado por Barreto (2019) em relação às róticas na mesma posição do vocábulo.

Visando dar conta dos objetivos propostos, este estudo está organizado em quatro momentos: a seção 2 retrata uma breve apresentação do *corpus*, explicando a diferença existente entre as cantigas religiosas e profanas da lírica medieval galego-portuguesa e as fontes em que tais obras figuram; a seção 3, por sua vez, apresenta a metodologia de estudo adotada por nós para a análise dos dados coletados; a seção 4 traz a fundamentação teórica deste artigo, discutindo questões relevantes acerca dos clíticos, das sílabas e da geminação; e a seção 5 detalha os dados encontrados e apresenta a análise qualitativa por nós empreendida.

2. *Corpus* poético: as cantigas medievais galego-portuguesas

Mongelli (2009) explica que as obras que fazem parte da lírica trovadoresca se diferenciaram das demais composições poéticas por apresentarem aliança com a música e por se inserirem em um ambiente feudal em que as escolhas de temas eram limitadas. Para Massini-Cagliari (2015), as duas vertentes das cantigas do medievo foram feitas com uma linguagem palaciana, restrita somente à corte, embora se localizem distantes tanto geográfica e quanto funcionalmente. As obras da linha profana foram escritas através do uso artístico do idioma nativo da população. As religiosas foram feitas, por sua vez, em galego-português, pois os nobres acreditavam que essa língua era a mais adequada para louvar as virtudes da mãe de Deus.

O *corpus* do artigo foi pensado para representar as particularidades das obras produzidas pelos trovadores. Desta forma, as 100 primeiras CSM e os 150 poemas profanos são um recorte muito expressivo das obras elaboradas e

³ Estamos utilizando a terminologia “português arcaico” ao invés de “galego-português” em homenagem a Mattos e Silva (2006), posto que, como a ela, interessa-nos, no momento, a diacronia do português, mas sabemos que, naquele período, as manifestações da língua em solos português e galego ainda não se diferenciavam a ponto de receberem uma denominação diferente. Trata-se, portanto, de uma nomeação atual com finalidades de trabalho, uma vez que, conforme Faraco (2016, p.47), sabemos que “a referência às variedades românicas, durante boa parte do medievo, não era feita por meio de nomes ou de qualificativos específicos que as individualizassem como se veio a fazer posteriormente”.

transmitidas na Idade Média: as CSM retratam a forte religiosidade do período enquanto as obras profanas abrangem distintas épocas, locais e estratos sociais.

Segundo Massini-Cagliari (2007), o conjunto profano de cantigas medievais é composto por mais de 1.700 textos, de autoria de cerca de 160 poetas. É relevante pontuar que muito pouco da produção poética daquela época sobreviveu até hoje, restando somente 3 cancioneiros⁴ (que guardam compilações gerais) e 5 folhas avulsas com 1 ou mais textos poéticos. Já o cancioneiro religioso (também conhecido como mariano) é composto por 427 CSM e sua autoria é atribuída ao rei D. Afonso X (1221-1284), de Leão e Castela, e aos seus colaboradores.

As cantigas profanas são classificadas em três gêneros canônicos. As obras *de amor*, de acordo com Massini-Cagliari (2007), são aquelas nas quais o poeta se volta à dama diretamente, expressando uma submissão cega, absoluta, à amada. Bueno (1968) explica que esse gênero é marcado pela predominância de um meio social cortês e aristocrático. Ademais, singulariza-se por ser mais culto, uma vez que se destinava à apreciação dos nobres mais instruídos da corte feudal. Lanciani (1993) argumenta que esse tipo de obra apresenta uma dama abstrata, não uma mulher real.

As *cantigas de amigo* são mais ligadas à dança e à música e, em comparação às *cantigas de amor*, são mais populares e nacionais. Bueno (1968, p.8) defende que os cantares *de amigo* se opõem aos *de amor*, pois a figura feminina agora toma a iniciativa, deixando de ser um objeto de veneração longínqua e passando a ser um sujeito ativo frente ao afeto do namorado (portanto, não é mais um objeto passivo da paixão mesurada do homem, como nas poesias *de amor*). Cabe mencionar que os cantares *de amigo* foram escritos por homens, embora apareçam sob a voz de uma figura feminina.

Por fim, as poesias *de escárnio e maldizer* englobam sátiras morais, literárias e políticas, maledicências pessoais, tensões, prantos e paródias. Massini-Cagliari (2007) explica que ambas as obras foram realizadas visando falar mal de alguém, todavia, nos poemas *de escárnio* isso se dava de forma *coberta*, ambígua, e nos *de maldizer* de modo *descoberto*, direto. O uso de muitas palavras *cobertas* fez com que esse tipo de poesia, em relação à forma, não fosse tão popular e se aproximasse mais dos gêneros considerados como mais eruditos. Mongelli (2009) expõe que essas obras, além de fazerem referência a pessoas, contextos e

⁴ O primeiro dos códices profanos é o *Cancioneiro da Ajuda* (fim do século XIII e o começo do XIV). É tido como o pergaminho mais contemporâneo aos trovadores e o único com origem ibérica. Apresenta somente cantares *de amor*. Os outros dois grandes manuscritos são o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*, também conhecido por *Colocci-Brancuti*, e o *Cancioneiro da Vaticana*. O primeiro é o testemunho único de cerca de 250 cantigas. É o códice mais completo dos três cancioneiros, abrigando, em média, 1.560 poesias, dos três gêneros, de autoria de mais de 150 trovadores. O segundo conta com 1.200 composições. Há um significativo lapso no início do códice, isto é, uma expressiva lacuna que o priva de 390 cantigas (MASSINI-CAGLIARI, 2007).

acontecimentos reais, retratando um vívido cenário da vida feudal, ganharam prestígio por conterem comicidade.

Sobre as CSM, Leão (2007) e Massini-Cagliari (2015) explicam que a coletânea foi feita na segunda metade do século XIII e que, caso o seu autor não fosse Dom Afonso X, ela jamais existiria, já que sua condição régia possibilitou sua realização. Leão (2007) afirma que o próprio rei escreveu e traduziu muitos cantares, no entanto, confiou grande parte da produção aos seus colaboradores. Com relação à identidade dos colaboradores do rei, Parkinson (1998) revela que eles só podem ter sido os poetas conhecidos daquela época. Apesar dos estudos realizados pelos pesquisadores da área, ainda restam incertezas sobre quais deles, entre tantos de que se tem ciência, participaram da equipe de Dom Afonso X.

Mongelli (2009) e Massini-Cagliari (2015) mencionam que o conjunto da lírica religiosa se localiza em quatro códices. Atualmente, os exemplares estão distribuídos da seguinte forma: dois deles estão na Biblioteca del Monasterio de El Escorial (Espanha); um deles está em Madri (na Biblioteca Nacional de Madri); e o último se situa na Itália (na Biblioteca de Florença). Para Parkinson (1998), os quatro códices representam um processo de expansão e de evolução, visto que, inicialmente, o número de poesias produzidas foi o de 100 (pertencentes ao códice Toledo). A partir daí, as cantigas juntas ganharam forma de um cancionero e passaram a ser organizadas, ou seja, adquiriram números, títulos e índices.⁵

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a realização deste estudo, refletimos acerca dos clíticos, das sílabas e da geminação. Nesta seção, apresentamos um recorte dos aspectos mais relevantes de tais questões. Cabe expor que nossa intenção não é concluir qualquer discussão acerca de tais assuntos, mas, sim, fornecer um panorama geral dos pontos teóricos pertinentes a este artigo.

Câmara Jr. (1985[1970], p.117) define o clítico como uma forma dependente adverbial, ou seja, forma empregada ao lado de um verbo, visando

⁵ O códice Toledo (To) é o mais antigo, além de ser também o menor deles. O códice Rico (T) surge em virtude da devoção pessoal de D. Afonso X em ampliar o códice inicial. Deste modo, devido ao desejo do rei de louvar a Virgem Maria, o T é considerado o manuscrito mais rico em conteúdo artístico, com miniaturas decorando seus fólios. Mais tarde, uma cópia menos decorada do T foi feita. Surge, então, o códice Escorial Músicos (E), tido como o mais completo dos quatro manuscritos. Ademais, há o códice Florença (F), visto também como uma cópia. Este último se caracteriza por ser muito incompleto e sua procedência é imprecisa, formando com T o que ficou conhecido como *Códices das histórias*. Os códices E e F não têm correspondência entre si, o que pode demonstrar a existência de duas equipes de trabalho diferentes, ou seja, a existência de dois *scriptoria* (PARKINSON, 1998; MASSINI-CAGLIARI, 2015).

expressar um complemento, que, no nível fonológico, compreende uma partícula proclítica ou enclítica do verbo. Segundo Bisol (2005, p.164), “clíticos são palavras funcionais que não pertencem a uma classe morfológica específica”. São destituídos de acento, o que faz com que se apoiem no acento de um termo vizinho, e “raramente se tornam cabeça de frases”.

Silva (2021, p.74) menciona que os clíticos consistem em elementos com independência gramatical, mas que são fonologicamente dependentes de um outro elemento adjacente. Clíticos detêm proeminência acentual fraca, segundo a estudiosa, sendo dependentes do acento primário da palavra adjacente, à qual estão associados. Crystal (2000, p.49), valendo-se da classificação tradicional, cita que os clíticos podem ser classificados de acordo com a sua posição em relação ao vocábulo de que dependem. Assim, são *proclíticos* quando dependem do termo seguinte (*eu **me** sento*); *enclíticos* quando dependem do termo precedente (*sentei-**me***); e *mesoclíticos* quando figuram no meio de um verbo (*sentar-**me**-ei, procurar-**me**-iam, falar-**lhe**-ei*).

Segundo discute Mori (2001), a sílaba é o coração das representações fonológicas, sendo a unidade básica responsável por nos informar sobre como está estruturada certa língua. O autor comenta que a sílaba é uma unidade fonológica, não podendo ser confundida como uma unidade pertencente à gramática ou à semântica.

Massini-Cagliari (2015, p.75) esclarece que a sílaba consiste em um domínio articulador entre dois níveis: prosódico e segmental. Desse modo, as unidades silábicas se configuram como o primeiro domínio prosódico por meio do qual cada língua do mundo estrutura a sua Fonologia. Ademais, no nível segmental, constata-se que as línguas possuem sílabas formadas de diferentes maneiras. Embora a silabação possa ser variável, ela se mostra previsível dentro de cada idioma, ou seja, o processo de silabificação das línguas apresenta um padrão.

A concepção de que as entidades fonológicas estão organizadas em constituintes ampara distintas análises que englobam a sílaba e o acento. Os constituintes da sílaba, tradicionalmente, são conhecidos como ataque e rima. O segundo, por sua vez, fragmenta-se em um núcleo e uma coda, que pode ser opcional. A porção nuclear é interpretada como a essência da sílaba da língua portuguesa e possui caráter obrigatório (BISOL, 1999, p.702).

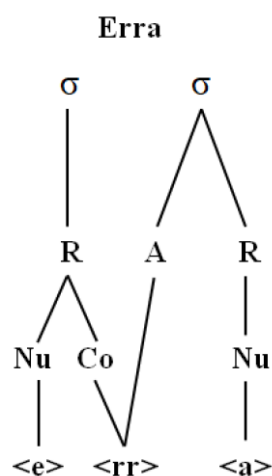
Mateus (1996) e Silva (1999) mencionam que uma sílaba pode ser composta só por uma vogal, o que pode ser verificado na sílaba inicial da palavra *a-trás*. Sendo assim, as outras partes que formam a sílaba são periféricas e opcionais. O ataque é ocupado por um ou mais segmentos consonantais, podendo aparecer no início ou no meio do termo. O mesmo se dá no que se refere à coda. Desta maneira, quando esses segmentos consonantais aparecem, eles podem ser ou não ramificados, veiculando um ou mais elementos.

A distinção entre sílabas leves e pesadas é comum em diversas línguas, o que reflete nas regras de atribuição do acento (e do tom, nos falares tonais). De

acordo com Collischonn (2005), a constituição é um fator determinante para o peso ou quantidade da sílaba. Uma sílaba é pesada, segundo a estudiosa, quando apresenta mais de um elemento na rima, ou seja, quando comporta, na rima, estruturas como vogal + consoante ou vogal + vogal (ditongo ou vogal longa). Para ser pesada, portanto, a sílaba deve ter rima ramificada. Já rimas compostas só com vogais são leves, fato que leva à conclusão de que sílabas CV são sempre leves. O contexto de ataque não conta para o peso. Assim, ataques ramificados, como o da sílaba inicial de **prazer**, não fazem com que a sílaba seja pesada. Logo, o fato de uma sílaba apresentar mais de dois elementos não expressa que ela seja pesada, uma vez que o peso é definido em virtude de sua organização interna e não pela quantidade de elementos que ela comporta. A segunda sílaba do termo **prazer**, apesar de apresentar o mesmo número de segmentos da primeira sílaba, é pesada, já que a rima desse vocábulo traz duas posições preenchidas, uma no núcleo (**e**) e uma na coda (**r**).

A geminação é um processo fonológico que ocorre quando um elemento dobrado ocupa, ao mesmo tempo, a posição de coda da sílaba anterior, fechando-a, e o ataque da próxima sílaba. Goldsmith (1990) explica que, se duas consoantes idênticas aparecem entre vogais, em contexto intervocálico, elas pertencem a duas sílabas separadas. Isto posto, a primeira consoante constitui a coda da sílaba da esquerda e a segunda, o ataque da sílaba situada à direita. Conforme Massini-Cagliari (2015), as líquidas róticas são consideradas como sendo complexas na estrutura do PB, ou seja, a distribuição de <rr> abarca duas posições na estrutura silábica. Abaixo, apresentamos, a título de exemplo, a rótica dupla como geminada:

(1)



Cedeño e Morales-Front (1999, p.100) dizem que as geminadas têm 2 traços fonológicos importantes: a integridade e a inalterabilidade. O primeiro se refere ao fato de que não é possível violar a integridade de uma geminada. Assim sendo, seria impossível, por exemplo, dividir uma geminada com regras de epêntese. Já o segundo consiste na ideia de que não há como alterar só uma das partes de um segmento geminado, pois isso representaria uma violação ao princípio de inalterabilidade. Tais regras não se aplicam às geminadas em virtude do respeito à *Condição de Aplicabilidade Uniforme*, que veta alterações em somente uma das partes da geminada sem que se modifique igualmente a outra parte do segmento.

METODOLOGIA

Para estabelecer as singularidades e o *status* fonológico dos clíticos iniciados por laterais duplas no PA, há que se levar em consideração evidências provenientes de três níveis de análise: gráfico, fonético e fonológico. O nível gráfico se configura como o alicerce desta pesquisa, pois é por meio dele que temos acesso aos casos de variação gráfica presentes nos códices medievais. Mattos e Silva (2006) menciona que, na Idade Média, o português ainda não possuía uma norma ortográfica instituída por lei e, por isso, os registros escritos da época apresentam muita variação na representação gráfica das palavras.

Em um primeiro momento, foi feita a coleta de todos os vocábulos iniciados com laterais dobradas no *corpus*. Em seguida, foram analisados os contextos em que esses termos apareciam, tendo em vista que o local ocupado pelo clítico dentro do verso se revelou um fator determinante para o estabelecimento de seu *status* fonológico. Por meio de uma análise inicial, apurou-se que dois pontos merecem atenção: a existência, ou não, de ditongos decrescentes antes de clíticos e a presença de clíticos em início absoluto de verso.

O mapeamento das ocorrências de clíticos ocorreu empregando as edições fac-similadas dos manuscritos medievais, tendo em vista que esse tipo de material apresenta as obras de forma integral, em tamanho original e sem qualquer interferência. Em virtude de usarmos a grafia para buscar evidências fonéticas e fonológicas daquele período da língua portuguesa, a utilização de fac-símiles se faz de extrema importância para analisar os usos gráficos e lexicais daquela época e estabelecer comparações entre as escritas localizadas nos diferentes códices. É relevante expor que as cantigas foram examinadas não apenas em um, mas em todos os cancioneiros em que tal composição aparece. Assim, um mesmo texto foi averiguado em todos os documentos nos quais foi copiado a fim de comparar a grafia da mesma obra em distintas composições.

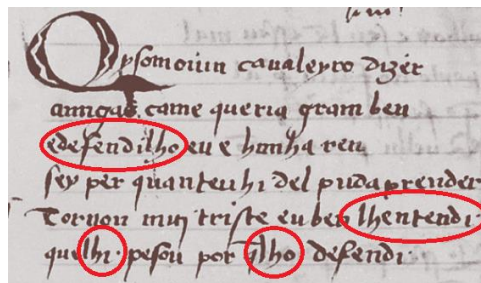
Cabe dizer que apesar deste estudo compreender um trabalho histórico, não objetivamos a realização de uma investigação diacrônica no sentido da Sociolinguística variacionista, mas a construção de uma caracterização sincrônica

de um momento do passado (MATTOS E SILVA, 1989). Dentro da perspectiva aqui assumida, nenhum dado pode ser descartado, pois até mesmo um caso isolado de variação pode fornecer informações relevantes acerca do sistema linguístico e do léxico, que estão em constante mudança, pois toda língua viva é dinâmica.

ANÁLISE DOS DADOS

As laterais dobradas, quando aparecem no início da palavra, localizam-se no começo de pronomes pessoais oblíquos. Assim, figuram no início de clíticos em contexto de ênclise ou de mesóclise que podem não estar no começo absoluto do termo, como ocorre em *defendi-lho*, por exemplo. É relevante mencionar que, em contexto de próclise, a afirmação anterior não é válida, já que, no referido contexto, o clítico pode se posicionar em início absoluto de palavra fonológica e, inclusive, de enunciado.⁶ Na figura 1, exibimos, por meio da primeira estrofe de uma poesia *de amigo*, de Mem Rodrígues Tenoiro, três ocorrências de clítico antecedendo verbo (*lh'entendi*, *lhi pesou* e *lho defendi*) e uma ocorrência de clítico depois de verbo (*defendi-lho*).

Figura 1 – Exemplos de clíticos em posição de próclise e de ênclise – Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa (CBN 719).⁷



Fonte: Edição fac-similada do códice da Biblioteca Nacional de Lisboa – Colocci-Brancuti (1982, p.719).

Em (2), apresentamos a transcrição da primeira estrofe do cantar. É interessante observar que essa composição traz o mesmo caso em distintas posições: *defendi-lho* (3ª linha), em que o pronome *lho* se situa posposto ao termo,

⁶ Quando o pronome em questão se encontra antes do verbo, diz-se que se localiza na posição próclítica; já quando se situa após o verbo, diz-se que está na posição enclítica. O pronome pode também ser colocado entre o radical e a desinência das formas verbais do futuro do presente e do futuro do pretérito. Quando isso acontece, diz-se que o pronome se encontra na posição mesoclítica (BECHARA, 2009[1928], p.587-588).

⁷ A transcrição do trecho presente na imagem se encontra logo abaixo, no exemplo (2).

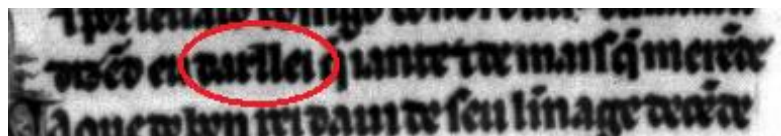
e *lho defendi* (6ª linha), em que o mesmo pronome está anteposto ao mesmo verbo. Desta forma, na primeira ocorrência, o pronome *lho* está em posição enclítica e, na segunda, em posição proclítica.

(2)

Quiso-m'hoj'um cavaleiro dizer
amigas, ca me queria gram bem
e **defendi-lho** eu e uma rem
sei per quant'eu i del pud'aprender
*tornou mui trist'e eu bem **lh'entendi**⁸*
*que **lhi** pesou porque **lho defendi***

A posição mesoclítica se revela menos recorrente nas poesias trovadorescas, aparecendo em poucas ocasiões. Na figura 2, retratamos um exemplo de mesóclise localizado no códice T. Trata-se da forma *dar-ll-ei* presente na CSM 6.⁹

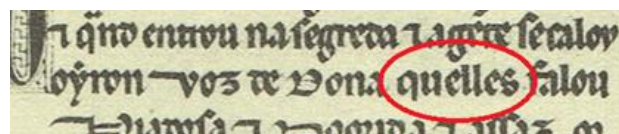
Figura 2 – Dado *dar-ll-ei*. Trecho da CSM 6 (T).



Fonte: Microfilme do códice Escorial Rico, cedido pela Biblioteca do Mosteiro de El Escorial.

Quando a consoante lateral duplicada aparece depois de um vocábulo (seja um verbo ou não), há muitos casos nos cancioneiros trovadorescos em que houve a união dos termos, criando um contexto intervocálico¹⁰ pela ligação de duas palavras. A seguir, na figura 3, há um exemplo (*quelles*) no qual a junção gráfica de vocábulos gerou uma posição intervocálica.

Figura 3 – Palavras *que* e *lles* unidas na escrita. Trecho da CSM 12 (E).



⁸ Massini-Cagliari (2015) argumenta que o clítico *lle* é um monossílabo sempre átono, pois, caso fosse acentuado, não seria possível a aplicação da elisão.

⁹ Transcrição empreendida por Mettmann (1986, p.73) do verso 30 da CSM 6: dizend': "Eu dar-ll-ei que jante, | e demais que merende."

¹⁰ Contexto intervocálico significa entre vogais.

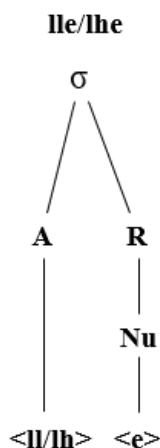
Fonte: Edição fac-similada do códice Escorial Músicos, editada por Anglés (1964, p.40v).

Como se vê, a figura 3 expressa as palavras *que* e *lles* juntas, o que faz com que a líquida lateral dupla fique entre vogais. No entanto, dados desse tipo devem ser examinados como casos de variação escrita, haja vista que o fenômeno de juntura de vocábulos era muito comum no PA e se restringe estritamente ao nível gráfico da língua. Dessa forma, como demonstra a ocorrência acima, há momentos nos quais a lateral *ll/lh* está de fato na posição inicial da palavra fonológica e há ocasiões em que o clítico aparece unido a outro vocábulo, fato que favorece a formação do contexto intervocálico no ambiente frasal. Em ambas as situações, a lateral dupla no começo da palavra preenche somente o ataque da sílaba, não podendo ser interpretada como uma consoante do tipo geminada do ponto de vista fonológico.

Sendo assim, consideramos que vocábulos que comportam segmentos laterais duplos na primeira sílaba não possuem consoantes geminadas na etapa arcaica, pois, para ser um elemento dessa natureza, é necessário integrar duas posições dentro da estrutura interna da sílaba, coda e ataque. Como *ll* está em início de palavra, não há uma sílaba anterior, com coda vazia, para que parte da consoante preencha esse ambiente ao mesmo tempo em que completa o ataque da sílaba em que se realiza foneticamente. Sem possuir um lugar de ancoragem na coda da sílaba anterior, pela inexistência de uma sílaba precedente, *ll* não consegue se dividir, permanecendo totalmente no contexto de ataque da sílaba inicial do vocábulo.

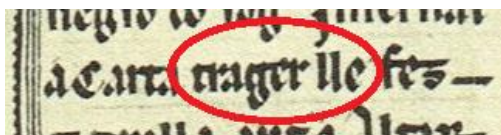
Nos casos nos quais o responsável pela composição registrou o clítico unido ao vocábulo antecedente, não é possível assumir que *ll* poderia se repartir e preencher a coda da última sílaba da palavra ligada ao clítico, tendo em vista que a união dos termos se deu somente na grafia, ou seja, não é um fenômeno fonológico. Desse modo, mesmo nessas situações, em que visualmente enxergamos um local de ancoragem para parte da líquida duplicada, essa posição somente existe “aos nossos olhos”, na representação escrita, não se concretizando na estrutura interna da sílaba, no nível fonológico. Para exemplificar, mostramos uma representação arbórea do clítico *lle/lhe*, a fim de manifestar sua configuração na Planilha Silábica.

(3)



A consideração da não geminação de *ll* em posição inicial de palavra pôde ser constatada pela presença de palavras terminadas por consoantes antes de clíticos, pela presença de ditongos decrescentes ao final de formas verbais complementadas por clíticos em posição enclítica e pela existência de clíticos no começo absoluto do verso. Tais ocorrências serão objeto de análise nas próximas subseções. Na figura 4, pode-se ver a ocorrência do clítico *lle* depois do verbo *trager*, sendo que se verifica um espaço gráfico entre esses dois termos. Logo, o fato de antes de clíticos poder aparecer vocábulos cujo último grafema é uma consoante corrobora para a defesa da não geminação do segmento lateral duplicado nesse contexto específico da sílaba e da palavra.

Figura 4 – Clítico após palavra terminada por consoante (*trager lle*). Trecho da CSM 3 (E).

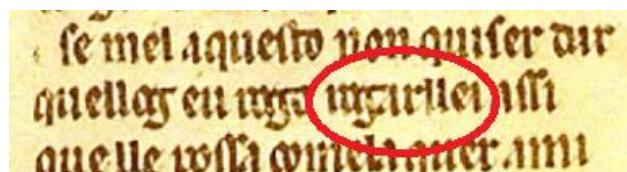


Fonte: Edição fac-similada do códice Escorial Músicos, editada por Anglés (1964, p.31r).

É importante pontuar que ocorrências de clíticos após termos finalizados por consoantes também aparecem nos códices medievais de forma unida, como revela a figura 5, em que ocorre uma mesóclise do pronome *lle* ao verbo *rogar* no futuro do presente (*rogar-ll-ei*). Assim, o fato de as palavras estarem escritas de

maneira separada ou unida não altera a natureza não geminada de consoantes laterais duplas no contexto inicial da palavra, visto que a ligação na representação gráfica não atinge o nível fonológico.

Figura 5 – Clítico após palavra terminada por consoante (*rogar-ll-ei*)– Cancioneiro da Ajuda (CA 157).



Fonte: Edição fac-similada do códice existente na Biblioteca da Ajuda (1994, p.157).

5.1 Ditongos decrescentes¹¹ antes de <ll/lh>

Nos textos poéticos aqui estudados, foram encontradas ocorrências de clíticos pospostos a verbos terminados com ditongos decrescentes nas CSM e nos três gêneros profanos. O número de dados se revelou mais expressivo nas obras religiosas, como apresenta o quadro 1, que reúne todos os casos mapeados de ditongos decrescentes antes de <ll/lh>.

Quadro 1. Casos de ditongos decrescentes precedendo <ll/lh>.

Cantiga	Versos	Ocorrência
CSM 2	11	deu-ll'hũa
CSM 2	41	deu-lle
CSM 3	50	deu-lla
CSM 4	49	deu-lle
CSM 4	62	creceu-lli
CSM 5	51	preguntou-lli
CSM 5	65	deu-lle
CSM 5	92	pediu-lle
CSM 5	93	degolou-ll'o
CSM 5	128	tolleu-ll'a
CSM 5	128	deu-ll'hũa
CSM 5	141	rogou-lles
CSM 6	14	ficou-lle

¹¹ De acordo com o *Dicionário de fonética e fonologia*, de autoria de Silva (2021, p.94), ditongos decrescentes não podem ser separados em uma sucessão de vogais. Assim, ditongos dessa natureza consistem em uma sequência de vogal e glide. Por exemplo: *b[aɪ]le*; *c[aɪ]da*; *r[eɪ]nião*.

CSM 6	44	deu-lle
CSM 8	24	foi-lla
CSM 8	29	pousou-lle
CSM 8	30	tolleu-lla
CSM 9	166	deu-ll'a
CSM 11	63	chegou, lles
CSM 14	23	defendeu-llo
CSM 15	108	deu-lle
CSM 15	115	deu-ll'escrito
CSM 15	134	foi-lles
CSM 15	167	contou-lles
CSM 16	62	pareceu-lle
CSM 18	41	foi-lle
CSM 21	20	pediu lle
CSM 22	16	mandou-lle
CSM 23	16	deu-lle
CSM 25	23	judeu lle
CSM 25	32	judeu lle
CSM 25	83	foi-ll'o
CSM 28	138	foi-lle
CSM 31	50	sayu-lle
CSM 32	26	mandou-lle
CSM 35	87	deu-lle
CSM 35	92	apareceu-lles
CSM 35	115	poy-ll'
CSM 38	51	foi-lles
CSM 38	56	britou-ll'end'
CSM 41	12	tolleu-ll'
CSM 41	13	deu-lle
CSM 41	21	cobrou-llo
CSM 41	22	deu-lle
CSM 42	30	foi-llo
CSM 42	38	prometeu-lle
CSM 42	48	contou-lles
CSM 43	23	entrou-ll'ende

CSM 45	37	poi- ll'alçaron
CSM 47	32	pareceu- ll'outra
CSM 47	34	acoreu-lle
CSM 47	37	pareceu- ll'enton
CSM 47	39	deu-lle
CSM 51	51	tirou-ll'assi
CSM 51	57	feriu-lli
CSM 53	13	direi-ll'eu
CSM 53	55	foi-lli
CSM 54	55	tergeu-ll'as
CSM 54	60	deitou-lle
CSM 54	61	tornou-lla
CSM 55	26	falou-ll'a
CSM 55	72	poi-ll'el
CSM 58	45	foi- ll'aparecer
CSM 61	37	tornou-llo
CSM 62	18	deu-lles
CSM 64	37	mostrou-ll'a
CSM 64	63	eu llas
CSM 65	77	semellou-lle
CSM 65	95	deu-lle
CSM 65	137	deu-ll'a
CSM 67	73	preguntou- lles
CSM 67	76	preguntou- lle
CSM 69	56	tirou-ll'end'
CSM 73	40	pesou-lle
CSM 73	51	acoreu-lle
CSM 75	164	acoreu-lle
CSM 76	43	tornou-lle
CSM 77	33	tornou-ll'o
CSM 78	35	mandou-lle
CSM 79	18	pareceu- ll'en
CSM 84	37	começou- ll'a

CSM 85	44	mostrou-lle
CSM 86	42	chegou-ll'o
CSM 86	46	oyu-lle
CSM 87	27	começou-ll'assi
CSM 94	109	contou-lles
CSM 95	57	nenbrou-lle
CSM 97	40	começou-ll'assi
CSM 97	52	contou-lle
CSM 97	77	enviou-llo
Cantiga de amor ¹²	11	falei-lh'eu
Cantiga de amigo ¹³	10	roquei-lh'eu
Cantiga de amigo ¹⁴	8	comecei-lhi
Cantiga de amigo ¹⁵	3, 7 e 11	direi-lh'eu
Cantiga de escárnio e maldizer ¹⁶	13	foy-lhy
Cantiga de escárnio e maldizer ¹⁷	3	fui-lh'eu

Fonte: Elaboração própria.

Tendo em vista que os ditongos decrescentes da língua arcaica ocupam simultaneamente o núcleo e a coda da sílaba, os termos mostrados acima se configuram como argumentos a favor da não existência da geminação da lateral dobrada em posição inicial de palavra. Desta maneira, como a semivogal do ditongo preenche a posição de coda, travando a sílaba e a tornando pesada, não há lugar de ancoragem na sílaba precedente para *ll/lh* ser uma consoante geminada. Convém esclarecer que o hífen que liga o verbo ao pronome não aparece nos códices arcaicos, sendo um recurso utilizado somente nas edições mais recentes dos poemas. A figura 6, retirada da *cantiga de escárnio e maldizer* 37, composição de autoria de Pedro Amigo de Sevilha, retrata a ausência dessa marca gráfica nos fólios originais dos cancioneiros trovadorescos. Na figura 6, o vocábulo *foy-lhy* foi representado sem hífen.

¹² Cantiga A mia senhor, que me foi amostrar, de João Lopes de Ulhoa.

¹³ Cantiga Par Deus, amigo, muit'há gram sazom, de João Nunes Camanês.

¹⁴ Cantiga Amiga, bem sei do meu amigo, de Sancho Sanches.

¹⁵ Cantiga A Far[o] um dia irei, madre, se vos prouguer, de João de Requeixo.

¹⁶ Cantiga Moitos s'enfingem que ham ganhado, de Pedro Amigo de Sevilha.

¹⁷ Cantiga Maria Negra vi eu, em outro dia, de Pero Garcia Burgalês.

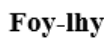
1125).



(1973, p.1125).

os casos listados no quadro 1.

(4)



5.2 $\langle l_l/l_h \rangle$ em início absoluto de verso

conforme retratado no quadro 2.

Quadro 2. Casos de <ll/lh> em começo de verso.

Cantiga	Vers o	Ocorrência
CSM A	8	lle fez Deus, com'aprendi,
CSM 1	66	lle quis, atan grãada,
CSM 2	28	ll'ant'esta Sennor mostrara,
CSM 2	33	ll'el Rey tallou da mortalla,
CSM 3	6	ll'imos falir e errar.
CSM 3	38	lle diss': "Os peccados meus
CSM 4	37	lles dava Santa Maria,
CSM 5	94	ll'o cuitelo na mão pola fazer perder.
CSM 7	45	lle fez o fill'e criar
CSM 8	50	lle trouxe a ssa eigreja o jogar que dit'avemos.
CSM 15	170	lle foi do corp'. "Aquesto vi eu,"
CSM 15	177	lle deytaron, e batismo pres;
CSM 21	16	lle diss': "Ai Sennor, oe mia oraçon,
CSM 33	58	lles fosse sen tardamentos,
CSM 35	72	lles diss'a mui grandes vozes: "Falsoss, maos e encreus,
CSM 49	56	lles pareceu; e pero non
CSM 59	76	lle deu orellada tal
CSM 61	36	lle trouxe a çapata por seu fazfeiro
CSM 62	32	lle rogou enton, como non perdesse
CSM 63	29	lle vêo çercar, cuidando-lla toller.
CSM 63	82	lle disseron aquesta razon medes;
CSM 68	20	lle fazia o gran prazer
CSM 69	30	Ll'aveo que foi perant'a ygreja
CSM 69	98	lle fez falar paravoa çertãa.
CSM 74	12	lle disse: "Por que me tões en desden,
CSM 81	36	ll'a carne comesta
CSM 88	97	lle deu logo sen tardar,
CSM 89	36	ll'ouve log'enviada
CSM 89	41	lle diss'hũa voz que chamasse
CSM 94	58	lle fez que fazia,
CSM 94	99	lle mostrou tan grand'amor,
CSM 97	85	lle perdôou e fez-lle gran ben,
Cantiga de escárnio e maldizer ¹⁸	11	[lh]e dix'eu: "- Boa ventura hajades,

¹⁸ Cantiga *U noutro dia seve Dom Foam*, de D. Dinis.

Cantiga de escárnio e maldizer ¹⁹	28	lha peita, quanto val tal quitaçom!
Cantiga de escárnio e maldizer ²⁰	9	lhi quix perante vós dar;

Fonte: Elaboração própria.

Dos 35 versos listados acima, 34 compreendem ocorrências de *enjambement*, assim, não são, de fato, casos de *ll/lh* em início de verso. Mattoso (2010, p.296) esclarece que *enjambement* consiste na interrupção de uma frase ou expressão, que ganha continuidade só no verso seguinte. Segundo o *E-Dicionário de Termos Literários* (2018), o *enjambement* aparece em muitos textos arcaicos, sendo um preceito poético bastante valorizado naquela época. Além disso, era adotado quando a métrica de determinada poesia forçava a interrupção do sintagma pela quebra da linha, ou ainda quando, mesmo no verso livre, o compositor optava por encurtar a frase com o objetivo de equilibrá-la com a linha que se segue (MATTOSO, 2010).

A seguir, retratamos os 34 casos de *enjambement* coletados. Para facilitar a visualização, apresentamos os versos nos quais o pronome *lle/lhe* aparece (já exibidos anteriormente por meio do quadro 2) e os versos anteriores às ocorrências. Todos os versos destacados abaixo mostram uma continuação de sentido do verso anterior no verso seguinte, o que produz, dentro do poema, versos corridos. De acordo com o *E-Dicionário de Termos Literários* (2018), tal fato é uma das principais características do *enjambement*.

Quadro 3. Ocorrências de *enjambement* quando *ll/lh* aparece no início do verso.

Cantiga	Verso anterior // Verso com ocorrência
CSM A	e de Murça, u gran ben // lle fez Deus, com'aprendi,
CSM 1	a graça que Deus enviar // lle quis, atan grãada,
CSM 2	Mayor miragre do mundo // ll' ant'esta Sennor mostrara,
CSM 2	Santa Locay', e enquanto // ll' el Rey tallou da mortalla,
CSM 3	que nos per nossa folia // ll' imos falir e errar
CSM 3	a omagen; sen falir // lle diss': "Os peccados meus
CSM 4	que ostias a comer // lles dava Santa Maria,

¹⁹ Cantiga Vós, Dom Josep, venho eu preguntar, de Estêvão da Guarda e D. Josepe.

²⁰ Cantiga Meu senhor rei de Castela, de João Airas de Santiago.

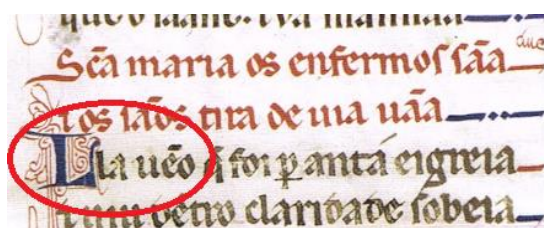
CSM 5	degolou-ll'o menço hũa noit'e e meteu // ll'o cuitelo na mão pola fazer perder.
CSM 7	Santa Maria tirar // lle fez o fill'e criar
CSM 8	monge, dali adeante cad'an'un grand'estadal // lle trouxe a ssa eigreja o jogar que dit'avemos.
CSM 15	per que alma tan toste partida // lle foi do corp'. "Aquesto vi eu,"
CSM 15	E log'a agua sobela testa // lle deytaron, e batismo pres;
CSM 21	Chorando dos ollos mui de coração, // lle diss': "Ai Sennor, oe mia oraçon,
CSM 33	que a verdad'enssinar // lles fosse sen tardamentos,
CSM 35	e o que tiia a arca da Virgen, Madre de Deus // lles diss'a mui grandes vozes: "Falsoss, maos e encreus,
CSM 49	e ben come donzela // lles pareceu; e pero non
CSM 59	E ben cabo da orella // lle deu orellada tal
CSM 61	Enton a abadessa do mōesteyro // lle trouxe a çapata por seu fazfeiro
CSM 62	E de coração que a acorresse // lle rogou enton, como non perdesse
CSM 63	que Sant'Estevão tod'a a derredor // lle vōo çercar, cuidando-lla toller.
CSM 63	Disse-ll'est'el conde, e mui mais ca tres // lle disseron aquesta razon medes;
CSM 68	Coita e mal, por que perder // lle fazia o gran prazer
CSM 69	poren da lingua, ond'era contreito, // lle fez falar paravoa çertãa.
CSM 74	pintava el sempr'; e o demo poren // lle disse: "Por que me tões en desden,
CSM 81	moller, que logo tornou // ll'a carne comesta
CSM 88	Do leitoairo sagrado // lle deu logo sen tardar,
CSM 89	sen gran demorada // ll'ouve log'enviada
CSM 89	aly; e de verdade // lle diss'hũa voz que chamasse
CSM 94	que a vida estrannar // lle fez que fazia,
CSM 94	mais la Madre do Sennor // lle mostrou tan grand'amor,
CSM 97	A aquel om'. E logo poren // lle perdōou e fez-lle gran ben,
Cantiga de escárnio e maldizer	E quand'el disse: "Ir-me quer'eu deitar", // [lh]e dix' eu: "- Boa ventura hajades,

Cantiga de escárnio e maldizer	ca deu gram peça; mais pois seu senhor // lha peita, quanto val tal quitaçom!
Cantiga de escárnio e maldizer	Fiador pera dereito // lhi quix perante vós dar;

Fonte: Elaboração própria.

Desta forma, 34 das 35 ocorrências de *ll/lh* em começo de verso compreendem casos de *enjambement*, ou seja, o elemento lateral duplo não aparece realmente no início do verso, já que consiste em uma continuação da frase antecedente. Em 1 dos 35 versos, contudo, o clítico ocorre no início da estrofe, em letra maiúscula ornamentada. Trata-se do único verso destacado em negrito no quadro 3. Esse dado é outro argumento favorável à consideração da consoante em questão como não geminada em posição inicial de palavra. Em início absoluto de verso, não há nem mesmo um vocábulo precedente para poder acolher parte de *ll/lh* em sua última sílaba, fato que ajuda a fortalecer a nossa hipótese de não geminação da líquida dupla na primeira sílaba do termo. Na figura 7, exibimos a única ocorrência encontrada no *corpus* aqui analisado da líquida lateral dupla no começo absoluto da estrofe. Na figura 7, verifica-se a ocorrência de ***L'aveo*** em início absoluto de estrofe, fato que é indicado, na cantiga, pela inicial maiúscula ***L***, que é exibida em azul, com adornos em vermelho e grafia ligeiramente aumentada.

Figura 7 – Consoante <ll> em início de estrofe. Trecho da CSM 69 (To).



Fonte: Edição fac-similada do códice Toledo (2003, p.69v).

Com base nas evidências apresentadas, consideramos a impossibilidade de interpretar a líquida lateral duplicada como geminada na posição inicial da palavra. Nota-se que tal segmento também possui o mesmo comportamento da líquida rótica nesse contexto da palavra, já que, no nível fonológico, não se configura como uma geminada. Ademais, assim como a vibrante dupla, *ll/lh* pode ocorrer unida a outro termo, o que possibilita a formação de um contexto intervocálico pela junção de dois vocábulos. Esse contexto, contudo, só se

concretiza na representação gráfica da língua, ou seja, não existe, do ponto de vista fonológico.²¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste estudo consistiu em analisar as ocorrências de consoantes laterais grafadas como duplas em começo de palavras, que, no PA, ocorrem somente no clítico *lle/lhe*, promovendo reflexões que visam complementar pesquisas desenvolvidas anteriormente e que também usam as cantigas medievais galego-portuguesas como *corpus*. Em estudos anteriores, constatou-se que, em contexto intervocálico, a líquida lateral dupla, grafada como <ll> ou <lh> no PA, poderia ser interpretada como geminada, no meio das palavras. Com relação à líquida lateral inicial do clítico *lle/lhe*, pôde-se concluir, neste artigo, que, mesmo podendo se adjungir encliticamente às palavras do português trovadoresco e apresentando a mesma grafia (<ll> ou <lh>), ela não apresenta o mesmo comportamento da líquida lateral dupla intervocálica, ou seja, não é possível considerá-la como um segmento do tipo geminado, no nível fonológico.

Cabe salientar que o tipo de estudo aqui empreendido somente pôde ser realizado devido à adoção de um *corpus* poético, capaz de fornecer ao estudioso pistas seguras acerca da prosódia “inaudível” da língua medieval (MATTOS E SILVA, 2008; MASSINI-CAGLIARI, 2021). As composições poéticas, segundo Massini-Cagliari (2007, 2015), viabilizam pesquisas como esta, porque expressam informações sobre os elementos segmentais do texto, como o lugar dos acentos nos versos e a quantidade de sílabas poéticas, dados por meio dos quais é possível estabelecer os padrões acentuais e rítmicos da língua em que determinada obra foi escrita. Desta forma, este artigo também busca demonstrar a importância e a pertinência de se adotar obras poéticas a fim de investigar aspectos segmentais e suprasegmentais de momentos passados de uma língua que não possuem registros orais, ou seja, sem qualquer tipo de registro que não seja gráfico. Assim, este trabalho visa divulgar não só as relevantes descobertas linguísticas encontradas nos textos arcaicos, mas também busca exibir a riqueza e a diversidade das produções poéticas daquela época ancestral da língua e seu potencial como base para pesquisas da fonologia da língua no período medieval.

Por fim, é necessário pontuar que essas reflexões só foram possíveis a partir do advento dos modelos fonológicos não-lineares, que determinaram que o peso das unidades silábicas e a estrutura fonológica de consoantes (como elementos considerados como simples ou geminados) depende da distribuição dos segmentos no constituinte silábico.

²¹ Para mais detalhes sobre as líquidas róticas, ver Barreto (2019).

REFERÊNCIAS

ANGLÉS, H. **La música de las *Cantigas de Santa María* del Rey Alfonso el sabio**: fac-símil, transcripción y estudio critico por Higinio Anglés. Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona; Biblioteca Central; Publicaciones de la Sección de Música, 1964.

BARRETO, D. A. R. J. **Estudo das consoantes róticas nas cantigas medievais galego-portuguesas**. Araraquara, 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – FCL/UNESP.

BARRETO, D. A. R. J.; CANGEMI, A. C. **Consoantes róticas duplas em contexto inicial de palavra nas cantigas medievais: casos de hipossegmentação**. ALFA: REVISTA DE LINGUÍSTICA, v. 65, 2021.

BARRETO, D. A. R. J.; MASSINI-CAGLIARI, G. **O apagamento das consoantes róticas finais: um estudo comparativo entre o português arcaico e o português brasileiro**. Revista do GEL, v. 16, n. 1, p. 37-52, 2019.

BARRETO, D. A. R. J.; MASSINI-CAGLIARI, G. **Rotacismo e lambdacismo no português: o processo de padronização ortográfica e as consoantes líquidas**. Revista Falange Miúda, v. 5, p. 41-54, 2020.

BARRETO, D. A. R. J.; MASSINI-CAGLIARI, G. **As consoantes róticas duplas em contexto intervocálico: estudo da possibilidade de geminação na época arcaica do português**. ALFA: REVISTA DE LINGUÍSTICA, v. 66, 2022.

BARRETO, D. A. R. J.; MASSINI-CAGLIARI, G. Rhotacism and Lambdacism in Portuguese: The Process of Orthographic Standardization and Liquid Consonants. In: MASSINI-CAGLIARI, G., BERLINCK, R. A., RODRIGUES, A. (Org.). **Understanding Linguistic Prejudice: Critical Approaches to Language Diversity in Brazil**. 1 ed.: Springer/Nature, Ed. Unesp, 2023. p. 57-67.

BECHARA, E. **Moderna gramática brasileira**. 37ª ed. rev., ampl. e atual. conforme novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. [1ª ed. 1928]

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do Português Falado**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, v.7, 1999, p.701-742.

BISOL, L. O clítico e seu hospedeiro. In: **Letras de Hoje**. n. 141, p.163-184. Porto Alegre, 2005.

BUENO, F. da S. **Antologia Arcaica**: Trechos, em prosa e verso, coligidos em obras do século VIII ao século XVI. São Paulo: Indústria Gráfica Saraiva, 1968.

CÂMARA JUNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 15^a ed. Petrópolis: Vozes, 1985. [1^a ed. 1970]

CANCIONEIRO da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti): Cód. 10991. Reprodução fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.

CANCIONEIRO Português da Biblioteca Vaticana (Cód. 4803): Reprodução fac-similada com introdução de L. F. Lindley Cintra. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, Instituto de Alta Cultura, 1973.

CEDEÑO, R. A. N.; MORALES-FRONT, A. **Fonologia generativa contemporânea de la lengua española**. Washington, DC: Georgetown University Press, 1999.

CEIA, C. **E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)**. 2018. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/>. Acesso em: 07 maio 2021.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4^a ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p.101-129.

CRYSTAL, D. **Dicionário de Lingüística e Fonética**. PÁDUA DIAS, M.C. (trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. [Tradução de M.C. Pádua Dias].

FARACO, C. A. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola, 2016.

GOLDSMITH, J. A. **Autosegmental & metrical phonology**. Oxford: Blackwell, 1990.

LANCIANI, G. Cantiga de amor. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Orgs.). **Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1993, p.136-138.

LEÃO, Â. V. **Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o sábio**. Aspectos culturais literários. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses**. Fontes, edições e estrutura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

MASSINI-CAGLIARI, G. **A música da fala dos trovadores**: desvendando a prosódia medieval. 1^a ed. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2015.

MASSINI-CAGLIARI, G. Em busca da prosódia inaudível: a duração musical como pista da constituição das frases entoacionais e dos enunciados prosódicos

nas *Cantigas de Santa Maria*. **Cadernos de Linguística**. V. 2, N. 1, 2021, p. 1-20. (ISSN: 2675-4916).

MATEUS, M. H. M. Fonologia. In: FARIA, I. H. et al. (Orgs.). **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1996, p.171-199.

MATTOS E SILVA, R. V. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do Português Arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOS E SILVA, R. V. **Caminhos da linguística histórica: “ouvir o inaudível”**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOSO, G. **Tratado de Versificação**. São Paulo: Annablume, 2010.

METTMANN, W. (Org.). ***Cantigas de Santa María (cantigas 1 a 100)***: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1986.

MONGELLI, L. M. **Fremosos cantares**: Antologia da lírica medieval galego-portuguesa. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MORI, A. C. Fonologia. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001, p.147-179.

PARKINSON, S. **As Cantigas de Santa Maria**: estado das cuestións textuais. Anuario de estudios literarios galegos, Vigo, 1998, p.179-205.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1999.

SILVA, T. C. **Dicionário de fonética e fonologia**. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

SOMENZARI, T. **Estudo da possibilidade de geminação em português arcaico**. Araraquara, 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – FCL/UNESP.

DOUBLE LATERAL CONSONANTS IN WORD BEGINNIG IN MEDIEVAL PORTUGUESE: a brief analysis of clitic LLE/LHE

Abstract

The main objective of this article is to analyse Medieval Portuguese phonological phenomena, focusing, specifically, on the liquid lateral consonants present in 250 medieval Galician-Portuguese cantigas. We aim to verify whether the double lateral, graphically represented as ll or lh, at that historical time of the language, could or could not be interpreted as a geminate consonant in phonological level, when it is placed in word beginning, that is, when it corresponds to the initial consonant of the clitic pronoun lle/lhe. Our research methodology is based on the observation of the graphic variation possibility, in order to establish the relations between letters (graphemes) and sounds (phonemes), and in the study of ll/lh's phonological behaviour inside the syllable and the word. The mapped cases showed that, in spite of the fact that lle/lhe can be adjoined in word final position, as they occur also in word and utterance beginning, the troubadours' graphic double lateral cannot be considered a phonological geminate consonant.

Keywords:

Archaic Portuguese. Lateral consonants. Geminate consonants.
